



A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NAS GUERRAS E A VIOLENCIA POLÍTICA *

Concepción Fernández Villanueva**

A presente reflexão é produzida no contexto de um curso de doutorado desenvolvido no Departamento de Psicologia Social da Faculdade de Ciências Políticas e Sociologia. Tal curso teve como objetivo revisar a informação sobre a participação das mulheres nos vários conflitos bélicos que ocorreram desde a Segunda Guerra Mundial ou que estão ocorrendo atualmente. No transcorrer do curso, houve um debate interessante sobre a informação que de alguma forma está contida nesta reflexão. Nesse curso, a presença de pessoas de contextos culturais distintos, algumas das quais conheceram melhor os conflitos e questões, contextualizou e enriqueceu sobremaneira as apreciações iniciais do curso. Por isso, expresso aqui meu reconhecimento e gratidão às alunas e alunos deste curso, que aceitaram e reconheceram a importância de refletir sobre este tema e que mostraram seu comprometimento e, em muitos casos, seu entusiasmo pela revelação das chaves que explicam a participação das mulheres nas guerras e na paz.

INTRODUÇÃO

A ação dos homens e das mulheres, as identidades sociais dos gêneros, seus comportamentos, até mesmo seus motivos e dificuldades estão também condicionados pelas características dos conflitos bélicos e, em consequência, a guerra transforma-se em um laboratório de análise privilegiado, com base no qual é possível descobrir novas perspectivas das identidades, dos comportamentos, dos motivos de uns e outros.

* Texto traduzido por Maria Helena D'Eugenio.

** Psicóloga social. Professora Titular no Departamento de Psicologia Social da Universidade Complutense, em Madrid, Espanha.

GUERRAS "DECLARADAS" E "GUERRAS DE BAIXA INTENSIDADE", A "POLARIZAÇÃO SOCIAL" CARACTERÍSTICA DAS GUERRAS

Antes de chegar à declaração de guerra ou ao reconhecimento interno ou externo dos conflitos, pode-se observar a existencia de um 'estado de coisas', uma situação social altamente conflitiva e violenta que se costuma chamar de 'guerra de baixa intensidade'. Este conceito é utilizado e, sobretudo, realçado em sua importancia pelos antimilitaristas, os pacifistas e os movimentos contra a guerra, como o Mulheres de Negro. A guerra de baixa intensidade se caracteriza por um clima de medo, de violencia generalizada, de destruição das formas de organização social, da trama social e dos laços de cooperação e solidariedade. A violencia dos Estados contra os grupos de oposição em certos momentos anteriores aos conflitos armados declarados, ou simplesmente a violencia exercida em alguns momentos por sistemas ou líderes políticos totalitários, ainda que nao tenham conduzido à guerra declarada, pode entrar nesta categoria de 'guerra de baixa intensidade'. Quando os sistemas políticos castigam os modos alternativos do pensamento, investem grandes sornas na repressao, na violencia estrutural e estendem um clima de impunidade aos agressores, estao criando a insegurança, o medo, a desconfiança social generalizada e firmando as bases da polarização social que se manifesta de forma característica nas guerras. Podemos citar exemplos do que estamos dizendo nos conflitos de Kosovo durante os anos 1990, nos quais a supressao da autonomia por parte do governo sérvio, autonomia da qual os kossovaes haviam desfrutado até o ano de 1988, veio acompanhado da repressao, da violencia, do medo e da insegurança dos cidadaos. Outro exemplo seriam as ditaduras do Chile e da Argentina, de San Salvador e da Nicarágua, acompanhadas também de gravíssima violencia estrutural, do medo, da insegurança e da polarização social. Também exemplos nao menos representativos seriam a situação de Tigré, da Libéria, da Somália e de Uganda, nos anos 1980 e 1990, e no Vietna, a partir dos anos 1930 e, especialmente antes da guerra da década de 1960, na Índia e no Sri Lanka antes da declaração de suas respectivas guerras.

Destas situações de violencia estrutural generalizada, acompanhadas pela desarticulação da trama social e pela polarização, pode decorrer ou nao a guerra aberta, mas, em qualquer caso, é necessário levar em conta que as guerras abertas sempre se iniciam com guerras de baixa intensidade. Nestas condi-

ções de guerra de baixa intensidade prévia, há de se enquadrar a participação das mulheres, porque elas também sofrem danos, violencia física e psicológica e assistem ao sofrimento dos seus maridos, pais e filhos. É necessária a explicitação dos antecedentes e da situação prévia aos conflitos armados nos contextos sociais distintos para entender os motivos pelos quais as mulheres se envolvem ou nao e o modo como o fazem em cada caso.

A GUERRA COMO SITUAÇÃO LIMITE

Os períodos nos quais as sociedades ou os povos vivem em situação de 'guerra' sao definidos e lembrados pelas condições peculiares nas quais acontecem, pela dramaticidade especial e pelas enormes dificuldades ocorridas na vida social. Os períodos em que os povos vivem em guerra nao pertencem à normalidade do transcorrer histórico e sao conceituados como excepcionais. A guerra coloca as sociedades em uma situação que se pode chamar 'limite', significando extrema, polarizada, na extremidade ou no limite da vida e da morte, no estado de risco extremo e em condições de limitação da liberdade e de toda uma série de possibilidades da vida social. Por isso, é muito coerente que as diferenças entre as pessoas, os coletivos e os grupos se acentuem, ou mesmo, se polarizem, já que a guerra é um exemplo de polarização social total.

Nao obstante, devemos considerar também a frequência com que as guerras tem lugar e, sobretudo, a enorme extensao dos conflitos bélicos no conjunto das sociedades humanas em qualquer momento histórico, mesmo na atualidade. Em consequência, tudo o que ocorre nas guerras é de importancia transcendental para compreender qualquer dimensao da vida social.

A revisao da participação e dos problemas das mulheres em uma série de conflitos armados, de características e transcendencia variadas, nos quais participam mulheres de diversas identificações étnicas, políticas, ideológicas e religiosas, questiona muitos estereótipos sobre a masculinidade e a feminilidade e apresenta novas questões à análise da problemática dos generoso

Se tivéssemos de resumir as principais características das guerras que afetam a ação social das pessoas e, consequentemente, a ação social de homens e mulheres, poderíamos assinalar as tres seguintes:

- Extrema polarização social. As dimensões da vida social se conceitualizam de forma dicotomica, em estreita relação com as partes rivais. As possibilidades de ação tornam-se rígidas, simplificam-se ao extremo de sua

significação. Impõe-se a obrigação de atuar em favor ou contra, sem considerar as condições e as opções intermediárias. A categorização das pessoas é feita tendo como base as dimensões muito escassas e estreitamente relacionadas com o conflito. Muitas vezes, os demais somente são considerados amigos ou inimigos, chegando a levar esta consideração acima do fato de tratarem-se de seres humanos. Esta polarização está presente nos antecedentes da guerra e inclusive pode ser considerada como uma das causas ou fatores desencadeantes. Também pode perdurar depois do fim dos distúrbios armados e é um dos problemas que devem ser trabalhados intensamente nos períodos de paz.

- O uso e a justificativa da violência contra as pessoas em suas distintas manifestações e em muitos níveis de gravidade. A violência nas guerras está especialmente legitimada e utilizada pelos combatentes, as partes envolvidas no conflito, os Estados ou os grupos. A esta violência intergrupal, encontra-se associada a violência intragrupal, ou seja, no interior de cada uma das partes e na relação com seus próprios membros. Os líderes das facções em conflito ou os Estados penalizam até chegar a morte aqueles que não querem exercer a violência ou aqueles que não cumprem as normas previstas para sua função nos postos de combate. As agressões graves se justificam também contra a população civil ou contra as mulheres especificamente, chegando-se em certos casos a considerar a violação como uma arma de guerra.

- A paralisação da ação social como consequência da repressão extrema e do bloqueio dos canais de expressão e comunicação. A paralisação da ação social corre paralela a congestão das estruturas produtivas e das estruturas econômicas, com a destruição consequente das funções sociais de muitos setores da população. Entre estes fatores, é importante considerar, de forma especial, o primeiro, porque, mesmo sendo de ordem psicológica, ele incide com enorme força na ação. Na realidade, converte-se em um rasgo de rigidez ideológica que implica a necessidade de unir-se com força as convicções, aceitar de forma bastante crítica as decisões, as considerações e os princípios ideológicos e categorias do grupo ao qual se pertence para fomentar de vez a diferença, a distância e a negatividade dos princípios da parte rival (a parte enfrentada). Sobre essa rigidez ideológica e essa polarização, baseiam-se os sentimentos de ódio e vingança, aliviam-se os sentimentos de culpa pela violência cometida e ajuda-se a manter a violência e a acentuar os enfrentamentos.

O SILENCIO SOBRE O PAPEL DAS MULHERES NOS CONFLITOS BÉLICOS

Em 1995, o Instituto Panos publicou um amplo estudo sobre a presença das mulheres nas guerras atuais em todo o mundo. Nesse estudo pioneiro, afirma-se desde um profundo conhecimento do problema que "as mulheres tem sido pouco ou mal representadas nas histórias de guerra e somente são retratadas como vítimas tristes e desamparadas" (PANOS INSTITUTE, 1995, p. 9).

Com muita frequência, a informação sobre as mulheres nos surge no cenário dos conflitos formando unicamente parte da população civil e na categoria dos mais desprotegidos. Assim, as incluem nos 'refugiados' e as associam com as crianças e os idosos. Entretanto, antes de se converterem em 'refugiados', as mulheres são um elemento de grande importância que ajuda as comunidades a sobreviverem a guerra e a atenuar seus efeitos. Antes de se converterem em 'refugiados', muitas mulheres tem ao seu encargo tarefas produtivas, desde os trabalhos no campo até nos setores industriais, desde caminhar dezenas de quilômetros em busca de comida nas zonas agrícolas da África ou da Índia, até o trabalho nas fábricas de armas e munições da Grã Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial. As mulheres vem sustentando com seu trabalho as vidas dos menores e dos idosos e tem ajudado durante o período de guerra e ao seu final.

Por outro lado, as mulheres aparecem em alguns cenários no frente dos conflitos, nas imagens de acampamentos de combate, armadas e com a mesma atitude de seus companheiros varões. Em certas ocasiões, trata-se de cenas propagandísticas ou de impacto, apresentadas com objetivos bastante diversos e nem sempre de forma realista, nem para fazer justiça nem para representar com objetividade a participação das mulheres. Nos próprios grupos, essas combatentes tem sua presença utilizada como propaganda dos combatentes e também para justificar os ideais da guerra. Fora dos grupos, especialmente no grupo oponente, para ressaltar a violência ou a crueldade da guerra, demonizar seus feitos e acentuar sua maldade.

Em consequência, a realidade da presença das mulheres nas guerras torna-se bastante oculta ou distorcida, reduzida a imagens, anedotas, relatos dispersos sem unidade, fragmentações de uma história que deve ser construída. Strobl (1996) relata-nos as dificuldades de sua pesquisa com as mulheres partisans na Segunda Guerra Mundial sobre a forma que transcorreu sua pesquisa his-

tórica, de documento em documento, mas, especialmente, de pessoa a pessoa, de mulher a mulher, uma vez que nem os documentos oficiais nem os arquivos pertencentes aos partidos e as organizações políticas implicados conservavam nem faziam justiça ao papel das mulheres no conflito europeu de 1939 a 1945. Isso nos parece estranho, numa primeira aproximação do fenómeno em questão, se levarmos em conta que os partidos políticos aos quais pertenceram as partisans eram especialmente os comunistas e os anarquistas, ambos de ideologias progressistas e favoráveis à liberdade e à participação política das mulheres. A participação mais ampla das mulheres, utilizando-se dados comparativos, deu-se nas fileiras anarquistas. Nelas, o silêncio a respeito da presença das mulheres se explica, em parte, pelo princípio mais geral de que, nas guerras, os derrotados são representados de maneira muito escassa. A contribuição dos homens anarquistas foi muito mais representada, proporcionalmente, do que a das mulheres anarquistas. A contribuição dos partidos e organizações comunistas foi muito mais ressaltada, mas as mulheres comunistas tampouco foram reconhecidas na medida em que merecia a contribuição dada por elas. Muitas informações relativas às mulheres estão escritas unicamente em publicações e revistas demasiado especializadas. Às vezes, sua presença aparece em ações concretas para desaparecer mais adiante; a historiografia é ambivalente, recorrendo em certas ocasiões às mulheres pela sua atração ou seu papel propagandístico, e, em definitivo, às mulheres não tem reconhecimento histórico, nem são contextualizadas ou tem suas biografias ressaltadas em parte alguma. Às que emergem, o fazem em fragmentos e não como biografias construídas e situadas em sua relevância histórica. Em alguns países europeus, documentos e funcionários dos partidos comunistas, até mesmo as próprias mulheres, insistem quase exclusivamente no trabalho destas na retaguarda ou nas tarefas adjacentes à luta, por exemplo na intendência, nas enfermarias ou nas cozinhas.

O silêncio ou a invisibilidade da presença das mulheres nas guerras também pode ser constatado nos conflitos mais recentes, que terminaram nos últimos anos, ou mesmo nas lutas ainda em andamento. Na recente guerra da Colômbia entre o governo e as diversas organizações guerrilheiras, a presença das mulheres era evidente, de acordo com as informações e as imagens dos meios de comunicação. Uma de suas mais famosas e belas integrantes era a intermediária da guerrilha com a imprensa; não obstante, ao rever cada organização guerrilheira, o papel das mulheres quase não aparece. A verdade é que

nem só na guerrilha das esquerdas mas também, nos grupos paramilitares que seguem atuando hoje há mulheres. Em San Salvador, apesar da abundante informação de que se dispõe evidenciando a existência de vários tipos de guerrilheiras, a FMLN chegou a negar em algum momento a existência de comandos urbanos.

As comissões que foram formadas nas últimas guerras ocorridas na América Latina, assim como os informes que tais comissões têm realizado, como a Comissão da Verdade, de El Salvador, ou o informe Recuperação da Memória Histórica (REMHI), da Guatemala, ou a comissão que se formou na África do Sul pela eliminação do *apartheid*, contribuíram para um conhecimento mais exato da participação das mulheres em diferentes conflitos.

Uma contribuição inestimável ao mesmo objetivo vem a ser alguns estudos realizados por mulheres, ou por organizações feministas, inclusive algumas biografias de mulheres participantes, como o caso da espanhola Lise London, membro do partido comunista francês na ocupação nazista e testemunha das barbáries nazistas e estalinistas. Sobre as guerrilhas latino-americanas, foram feitos informes excelentes que cobrem quase todas as situações de guerra em El Salvador, na Argentina, na Colômbia, na Nicarágua, na Guatemala e no México.

AS MULHERES NAS FRENTE DE GUERRA E NAS TAREFAS DE APOIO. MOTIVOS E RAZÕES PARA A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

Por estes documentos, além de outros de caráter mais oficial, estamos no momento atual em condições de afirmar que as mulheres foram guerrilheiras, encarregadas de interceptar tropas inimigas, atuaram na retaguarda trabalharam nas fábricas de armas e munições, foram responsáveis pelas transmissões por rádio, passaram informações e foram também as grandes propagandistas, condutoras de prisioneiros que escapavam, além de cozinheiras, enfermeiras e encarregadas da população infantil. E não somente nas guerrilhas ou nos movimentos de resistência ou de liberdade, mas, também, nos exércitos regulares. Informe de 1944 mostra que as mulheres foram mobilizadas militarmente de forma obrigatória, tanto para as forças armadas como para trabalhos de defesa civil e de vigilância e para suprir a carencia de homens nas indústrias de armamento e munições e outras indústrias cuja manutenção incidia na evolu-

ção da guerra contra a Alemanha. De acordo com seus dados, 7.750.000 mulheres trabalharam em indústrias relacionadas a guerra ou nas forças femininas. Também de acordo com seus dados, muitas daquelas que participaram diretamente das forças armadas se apresentaram como voluntárias. Ainda que não fossem obrigadas a utilizar armas letais, se desejassem poderiam fazê-lo, e assim muitas empunharam as armas. Seu papel foi muito valioso nos chamados serviços auxiliares, entre os quais encontram-se ocupações tão variadas como pilotar aviões de bombardeio as suas estações de aterrissagem até dispor e dirigir a comida para as tropas. Outras comandos de mulheres se ocupavam da defesa civil, da vigilância de incêndios e um grande número de mulheres se ocupou das chamadas indústrias de guerra.

A associação da violência e da guerra com os homens e a tolerância e a paz com as mulheres cada vez se sustenta menos, quando se observa de perto os principais conflitos bélicos do presente. Convém ter em mente os fatores que produzem as diferentes guerras para entender os números do envolvimento feminino, assim como as razões que dão conta de tal envolvimento. Em linhas gerais, pode-se afirmar que a implicação das mulheres nas guerras, o sentido dessa participação para as suas protagonistas, é dizer que existe uma justificativa sempre que alguém se envolve na tomada das armas. E, além disso, os distintos níveis de envolvimento das mulheres adquirem precisamente uma primeira coerência explicativa quando se analisa o 'sentido' que as mulheres lhes deram.

Em alguns lugares, como Uganda, por exemplo, as mulheres participaram pouco, pela convicção de que a guerra estava melhor motivada pela cobiça dos homens, pelas lutas entre clãs pelo poder tribal. Não obstante, quando um dos movimentos guerrilheiros permitia a entrada de mulheres, estas lutaram, e dizia-se que elas faziam as mesmas coisas que os homens, até mesmo que eram mais valentes que eles. É bem verdade que as condições em que funcionavam os exércitos guerrilheiros implicavam uma pressão muito grande para as 'tarefas' violentas da guerra. Segundo testemunhos de mulheres, matavam-se os prisioneiros em público, e ninguém, homem ou mulher, podia negar-se a fazê-lo. Em outros lugares, como Tigré (Etiópia), Sri Lanka, San Salvador ou Somália, a guerra era entendida pelas mulheres como uma luta contra a opressão, uma luta pela liberdade, pelo progresso social, pela justiça e pela igualdade. Outro tanto ocorreu na Nicarágua, na Colômbia e está ocorrendo neste momento em Chiapas.

Nessas condições, a presença das *mulheres* entre os combatentes é intensa e vivida como importante, positiva e mesmo de vital interesse. Os números que se seguem avalizam o que pretendemos dizer.

O exército da FMLN de El Salvador, composto por 13.600 combatentes, é formado por 30% de mulheres. Entre elas, havia guerrilheiras urbanas e rurais, menores de vinte anos, guerrilheiras adultas, comandos urbanos e colaboradoras da população civil. Em Nicarágua, cerca de 30% dos combatentes e líderes da FSLN eram mulheres. Nas tarefas de apoio à luta, como correio, intendência e manutenção da segurança, a presença feminina foi ainda mais ampla. Muitas viveram a guerra na linha de frente e muitas integraram-se depois ao exército, após a vitória. Outras desejaram fazê-lo e não foi possível em virtude das relações de dominação tradicionais entre os gêneros, que impunha que se mantivessem em casa, obrigadas por um pai autoritário ou um marido ciumento. Outras, envolvidas no exército guerrilheiro, desejaram assumir maiores responsabilidades nas mesmas batalhas, e, em certas ocasiões, não o conseguiram porque os superiores não o permitiam. Desde a resistência sandinista até a participação na FSLN "praticamente não houve um só campo de batalha onde não estiveram ativas as nossas mulheres" (A FSLN e a Mulher... 1987).

No Vietnã, as mulheres estiveram igualmente presentes na resistência anterior à guerra e na confrontação direta. Durante a resistência, a ação é de agitação e propaganda e protesto, que traz consigo imensos custos e sofrimentos, inclusive a prisão e a tortura. Durante a guerra, as mais jovens estavam nas frentes e o restante "atrás dos cenários da guerra".

Havia uma equipe de mulheres guerrilheiras antitanques. Colocávamos explosivos de relojoaria em fitas de ervas para matar os brutais agressores, pela sua barbárie. Colocávamos lâmina cortante em uma cesta e explorávamos o caminho sempre patrulado pelo inimigo!
(PANOS INSTITUTE, 1995, p. 219-20).

No resultado final da contenda, há de se levar em conta o que diz a mesma Xot: "as guerrilheiras se comportavam de dia como mães e irmãs e quando chegava a noite destruindo seus postos" (PANOS INSTITUTE, 1995, p. 220).

Entre os tigres tami de Sri Lanka, havia mais de três mil mulheres. Uma delas, médica em Jaffna, explica assim suas razões:

Por que me envolvi na luta? Por amor a terra em que nasci. É necessário, o povo sofre e está em desvantagem economica. Por isto, qualquer tamil tem de participar nesta luta. Estou trabalhando pela liberdade de nossa terra e de nosso povo (PANOS INSTITUTE, 1995, p. 191-2).

A Frente Popular para a Libertação de Tigré (FPLT) mobilizou desde o princípio mulheres para a luta, e eram as mesmas mulheres que animavam e adestravam suas companheiras, insistindo em sua organização política, sua educação e sua liberdade. As reivindicações políticas e feministas entrelaçam-se aos atos culturais reivindicativos de seu grupo cultural e de sua etnia, convocando, desta forma as mobilizações guerrilheiras. Atualmente, após a assinatura do tratado de paz, em 1995, as mulheres mostraram-se também muito ativas na política do país, participando na transformação da sociedade rumo a maiores cotas de independência e de liberdade.

No Movimento Zapatista de Libertação Nacional (MZLN) do México, a mulher teve, desde o início, uma ampla participação protagonista. A luta por justiça e igualdade foi estreitamente mesclada com a reivindicação feminista, de modo que a comemoração do Dia da Mulher na Selva Lacandona está intrinsecamente mesclado a outros acontecimentos importantes ocorridos nesta nova guerrilha. Podemos questionar se algo assim também aconteceu na Colômbia.

Na Colômbia, as mulheres não só participaram e ainda hoje participam dos comandos da guerrilha mas também houve uma frente guerrilheira composta unicamente de mulheres, a Rede Urbana de Mulheres (RUM), cujo trabalho logístico consistia em apoiar o objetivo da tomada das cidades a partir do campo. Além disso, a mulher desenvolveu um papel auxiliar muito importante. As mulheres foram se incorporando pouco a pouco, somando-se à guerra de forma 'granular', salpicada granito a granito. Motivos como a convicção política, o vínculo afetivo com os guerrilheiros, a independência e a libertação do papel feminino tradicional explicam a presença de mulheres na guerrilha de esquerdas e, atualmente, nas forças armadas de direitas, constituídas em grupos paramilitares.²

Em outros casos, como na resistência contra o fascismo na Europa, as mulheres que participaram tiveram uma lógica tão contundente que pode ser expressada de forma gráfica com a frase: "E que outra coisa poderia eu ter feito?". A contundência desta convicção se comprova ainda mais mediante os

vários testemunhos de participantes da resistência judaica no Leste da Europa. Ante a violência exercida contra eles, o extermínio sistemático, a indignidade e as humilhações a que estavam sujeitos a cada dia, as deportações, as fugas, os assassinatos, o trabalho forçado; o pessimismo e a falta de futuro, "perde-se o sentido a idéia de não por em risco uma vida que, além de submetida a contínuas humilhações e indignidade, podia acabar a qualquer momento ou tinha escassas expectativas de durar mais algumas semanas ou meses. Deste modo, "Cada uma das mulheres que participaram da resistência estava convencida no mais profundo de seu ser de que o que estava fazendo era correto, necessário, a única saída humana digna" (STROBL, 1995, p. 299).

A luta pelos filhos, pelos familiares enfermos, a própria cultura e a religião vinham soar-se como justificativas lógicas do envolvimento das mulheres na luta. No contexto de sua formação política, seu conhecimento da situação, seu envolvimento anterior em atividades políticas e em grupos organizados, a militância e atividade social anteriores, as mulheres participantes da resistência, nos mais diversos níveis, inclusive as que empunharam as armas ou as que manejavam granadas, ou realizavam ações 'terroristas', assumiam a morte dos inimigos com uma sensação prazerosa de 'necessidade' de vitória, sinônimo de vida digna e, em ocasiões, sinônimo de vida se associava à morte dos alemães e, conseqüentemente, tal morte era desejada e esperada quase com fervor religioso.

A vitória só poderia ser uma coisa: agüentar o máximo de tempo possível e matar o máximo de alemães possível [..] Morre! Por minha mãe, pelo pai, por nossos filhos! Aponto a ti, Deus meu, tafa com que o disparo o alcance! (VERGANGEM apud STROBL, 1995, p. 299).

Dessa forma, portanto, não se tratavam de mulheres desnaturadas, a quem a vida familiar não importasse ou que lutassem simplesmente como ativistas de um partido político. O sofrimento de seus filhos, irmãos e, sobretudo, de seus pais (já que se tratava em sua maior parte de mulheres jovens ou muito jovens) era o desencadear decisivo de seu envolvimento direto na luta. O sofrimento de todo um povo, conhecido através de testemunhos do que ocorre nos campos de concentração, as enfurece, e, então, procuram uma maneira de 'fazer algo' que possa deter tal sofrimento. Quando veem que esse 'algo' depende delas, já não há nada que possa detê-las. Arriscar a vida ou

acabar com a vida de outros integra-se á normalidade da vida cotidiana. "Sentíamos como se já tivéssemos perdido a vida. Isso simplificava as coisas" (VITKA KEMPNERapudSTROBL, 1995, p. 299). Tampouco são pessoas que gostam de matar. Aprendem a matar, mas tem medo de que caiba a elas fazerem. O convencimento da lógica e da necessidade de matar se impõe. "Somente o profundo convencimento de que cada disparo tem por objetivo um dos responsáveis pelo genocídio, pelos incríveis sofrimentos que toda a ação terrorista está determinada a fazer, ver dolorosamente os invasores que também eles devem pagar pelos seus crimes, permite sempre voltar a apertar o gatilho, a colocar a bomba, a atear fogo ao galão de gasolina (STROBL, 1995, p. 314).

A transformação do conceito de morte das pessoas como consequência das forças inimigas lutando é universal na lógica das guerras. Desse modo, as declarações das mulheres não diferem daquelas dos informes bélicos que nos falam a respeito de 'baixas' nos exércitos.

Vód precisou matar nos combates? E, se assim foi, o que sentiu ao fazê-lo? Não é assim que as pessoas veem o fato, como matar e depois mover-se inquieta na cadeira - Logo se fica calada. É mais do que matar, é uma luta - diz saindo de suas reflexões. São for~as inimigas lutando. Isso faz parte da confronta~ão (Vera Grabe, guerrilheira do M-19, apud PEREZ, 1997, p. 33)

A participação das mulheres nas guerras, sobretudo na luta armada, traz uma consideração na maioria das vezes negativa. Seja pelos estereótipos da feminilidade, seja pelas condições de vida especiais imposta pela participação nas frentes, não é freqüente tampouco que as mulheres participantes se orgulhem muito de suas ações e difundam o que os documentos legais e as instituições de pós-guerras se esquecem.

Durante sua participação na luta armada, muitas mulheres desaparecem de suas comunidades para evitar que sejam identificadas como guerrilheiras e evitar, deste modo, a rotulação e o preconceito que tal condição implica, após o término dos conflitos armados. Da mesma forma como os homens podem reconhecer sem grandes problemas e inclusive se orgulharem de haverem participado da luta, as mulheres não só mente são objeto de uma falta de reconhecimento como de um claro preconceito e desvalorização porque o exercício da violência e a luta armada não entram nos estereótipos da feminilidade. E isso

ocorre não só mente nas sociedades mais tradicionais e rurais, como também nas mais modernas. Muitas guerras são desencadeadas por motivos pouco aceitáveis do ponto de vista da moral. A consecução de poder político ou econômico é a principal origem da guerra. Essa motivação de poder, por si mesma, é considerada pouco feminina e muito menos ainda o fato de violar princípios morais como tirar a vida de outros para conseguir. Em casos de luta por ideologias políticas, seu reconhecimento depende das consequências posteriores, ou seja, de que as ideologias em questão triunfem ou fracassem. As partisans da Segunda Guerra Mundial foram reconhecidas como grupo, uma vez que lutaram contra o inimigo nazista. Ainda assim, seu reconhecimento não se estendeu a outros contextos ideológicos e nem sequer no próprio, guardava estreita correlação com a magnitude do esforço realizado, da responsabilidade e do risco que se correu. Quando os vencedores são as opções políticas contrárias, a participação das mulheres na guerra sofre uma dupla marginalização ou um redobrado preconceito. Além de não ser vista como conjunto ou considerada como renegadas do rol maternal ou desnaturadas, é freqüente que as considerem como prostitutas e isso não somente nos conflitos ocorridos em países de pouco desenvolvimento econômico e cultural, mas também em outros contextos considerados mais aculturados. Mulheres da Libéria, da América Latina e também da Europa, na Segunda Guerra Mundial, ou da Espanha na guerra civil, eram acusadas com muita freqüência de entrar nas frentes para converterem-se em prostitutas. Como diz Strobl (1995), a farda azul, traje de honra para os homens, para as mulheres era um símbolo de prostituição.

Muitas mulheres da Espanha, da América Latina ou da África sentem-se muito magoadas por essas acusações, quando, na realidade, as condições nas frentes de batalha são tão duras que nem sequer pode-se pensar na vida sexual, e os esforços para ser reconhecida como combatente com mérito implicam masculinizar-se. Mas o que vem ocorrendo com muita freqüência é que as mulheres nas frentes escondem seus atributos e se masculinizam para protegerem-se e para conseguirem o reconhecimento. Muitas delas, quando tiveram um companheiro ou um marido, viram-se obrigadas a prescindir da maternidade e a deixar seus filhos em companhia de terceiros para poder seguir ao pé da luta.

Também produz uma forte sensação de frustração e estranheza a falta de reconhecimento legal posterior. Em vez de promoções militares, recebem simples elogios e tem de fazer o trabalho duplo de lutar para ter o direito a adquirir

responsabilidades iguais as dos homens e, depois, lutar novamente para obter o reconhecimento de tais responsabilidades. Quando nas frentes, as lutadoras se esforçam o dobro dos homens, não deixam escapar nenhuma queixa, dão guarida "um minuto mais" que os homens e, posteriormente, quando fazem menos falta, o partido correspondente que decide os destinos da luta armada, as deixa na retaguarda.

Nas guerras de tribos e de sociedades, como na Libéria ou na Somália, a implicação na luta também se realizava por motivos pouco idealistas: a necessidade de conseguir alimentos, ou a proteção contra agressões ou violações, ou ainda, simplesmente, sentirem-se forçadas a lutar pelos membros de suas comunidades. Estes, com certeza, não são motivos de envolvimento na luta pelos quais as mulheres possam se orgulhar ou que possam ser reconhecidos sem problemas. Na Libéria, país no qual se diz que as mulheres combatentes eram muito agressivas, especialmente com as outras mulheres e mesmo com as crianças, muitas pessoas mostravam surpresa ou até horror quando sabiam que alguma jovem conhecida se havia envolvido na luta. Depois da volta a casa, com frequência o que as esperava era o desprezo e a vergonha, tanto por parte dos homens quanto das outras mulheres.

Quiçá por isto, após o término dos conflitos, as mulheres tenham desaparecido dos programas de reabilitação destinados a combatentes, ou não tenham reivindicado sua presença nos partidos políticos e nos movimentos políticos que representavam os combatentes e assim não tenham conseguido ajuda que valorizassem com justiça seu envolvimento na guerra e os efeitos de sua presença no desenlace final da guerra.

CONCLUSÕES

- a) O envolvimento das mulheres depende mais da estrutura e dos tipos de organização social em que vivem que de seus supostos traços psicológicos.
- b) A menor participação como provocadoras da violência se deve fundamentalmente ao fato de a mulher estar relativamente a parte da luta armada direta.
- c) Não devemos nos esquecer do envolvimento direto das mulheres em seus papéis de mães, filhas, esposas ou noivas dos combatentes e dos responsáveis diretos pela dedicação das guerras.

- d) O envolvimento nas tarefas distintas implicadas na guerra transforma suas identidades as outras mulheres e ~ comunidade em geral.
- e) Não obstante as conquistas posteriores as guerras, estas são para a identidade e a transformação do papel das mulheres muito inferiores de que se supõe poderia ser esperado a luz de sua participação nos períodos de conflito bélico: as expectativas das mulheres após os conflitos sofrem uma frustração muito maior que a expressa pelos homens, como falta de reconhecimento do seu papel ou marginalização das tarefas posteriores ao conflito. Para as mulheres, a isto se soma a restauração dos danos econômicos, físicos e psicológicos a um nível duas a três vezes.

Notas

- ¹ Testemunho de Xot, viúva, hoje com seus cinquenta anos, que tomou parte ativa na luta ao redor de Saigon.
- ² A documentação sobre a Colômbia está publicada nos livros de Fabiola Calvo, *Manuel Perez, um padre espanhol na guerrilha colombiana* (1998), e *Cofijmbia, História armada* (1997). Além disso, pudemos contar com seu testemunho em uma sessão de debates realizada no curso de doutoramento mencionado.

Referencias

- A FSLN E A MULHER na Revolução Popular Saudinista. Nicarágua: Vanguardia, 1987. CALVO, F. *Cofijmbia, história armada*. 1997.
- CALVO, F. *Manuel Perez, um padre espanhol na guerrilha colombiana*. Vosa, 1998.
- PANAS INSTITUTE. *Armas para lutar, braços para proteger*. Barcelona: Icaria, 1995. PEREZ, A. Entrevista com Vera Grabe. *Revista Mujer*, Colômbia, p. 33, mar.labr. 1997. STROBL, I. *Partisanas*. Barcelona: Virus, 1996.